

Jornalismo e gênero são áreas antagônicas ou correlatas?

Entrevista com Asunción Aragón Varo

Anna Flávia Feldmann

Professora de Jornalismo da PUC-SP
Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP
E-mail: annafeldmann@usp.br

Recebido: 29 mar. 2017

Aprovado: 23 mai. 2017

Resumo: Por meio de entrevista com a pesquisadora espanhola e especialista em estudos culturais, Asunción Aragón Varo, o texto aborda o universo das questões de gênero dentro do campo de atuação do jornalismo contemporâneo, oferecendo uma visão sobre a atuação social das narrativas adotadas nestes cenários. Para a elaboração e desenvolvimento da entrevista foram analisados elementos específicos e intrínsecos à área jornalística, como pauta, mensagem e fonte.

Palavras-chave: Igualdade de Gênero. Jornalismo. Mulher.

Abstract: Through an interview with the Spanish researcher and specialist in cultural studies, Asunción Aragón Varo, the text addresses the universe of gender issues within the field of contemporary journalism, offering an insight into the social performance of the narratives adopted in these scenarios. For the elaboration and development of the interview, specific and intrinsic elements of the journalistic area were analyzed, such as agenda, message and source.

Keywords: Gender Equality. Journalism. Women.

Resumem: Por intermedio de entrevista con la investigadora española y especialista en estudios culturales, Asunción Aragón Varo, el texto aborda el universo de las cuestiones de género dentro del campo de actuación del periodismo contemporáneo, ofreciendo una visión sobre la actuación social de las narrativas adoptadas en estos escenarios. Para la elaboración y desarrollo de la entrevista se analizaron elementos específicos e intrínsecos al área periodística, como pauta, mensaje y fuente.

Palabras clave: Igualdad de Género. Periodismo. Mujer.

Introdução

Asunción Aragón Varo é a atual coordenadora do programa de pós-graduação em *Gênero, Identidade e Cidadania*, da Universidade de Cádiz, na Espanha, curso multidisciplinar, cujas linhas de pesquisa trabalham o estudo das áreas de comunicação e linguagem. O programa recebe, desde 2005, a *mencion de calida* pelo ministério de Educação e Ciência Espanhola.

Aragón Varo aponta e faz críticas à imagem da mulher na mídia. O pesquisador aborda as omissões e as descontextualizações nos principais veículos de informação, nas construções de pautas, na elaboração das mensagens e, sobretudo, na construção da narrativa estereotipada sobre o universo feminino.

“Atualmente, alguns meios lutam por uma aparência moderna, mas o seu conteúdo continua sendo algo extremamente antigo. O modelo de autoridade em todos os níveis é androcêntrico. Vivemos o *especismo da igualdadade*, divulgamos a imagem da mulher liberada e autônoma, mas a realidade é distinta”, revela o entrevistado.

Entrevista com Asunción Aragón Varoⁱ

1. *Quando e porque a mulher é pauta na imprensa?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: As mulheres saem na imprensa, sobretudo, quando são vítimas, exceções ou anomalias. São comumente retratadas com relação aos temas das esferas exclusivamente femininas; maternidade e cuidados da família. Há também os temas que a mídia se encarrega de tornar feminino como saúde, estética e moda. Quando fala-se da mulher cuidadora é um sentido amplo, é sempre o cuidado dos demais, das compras do supermercado, das dietas familiares – somos as que dão a vida e que realizam os cuidados. Existe também um controle estético – Toda a temática feminina permeia uma relação com a representação e auto-representação. Como nos vemos e como a sociedade nos enxerga.

2. *Quais são as características dos textos publicados na imprensa?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Há específicas características. Normalmente são particularidades ligadas aos estereótipos reproduzidos pelos meios de comunicação. Vejamos primeiro qual é o modelo de feminilidade? É daí que se reproduzem todos os discursos, por meio das qualidades que uma mulher deve ter ou não deve possuir. A mídia diz: “Você pode ser ambiciosa, mas não pode ser ambiciosa”. Não ser apenas para si, mas existir para os outros.

A esfera do poder não é um universo que nos pertence. Quando chegamos ao poder público, enfrentamos diversos preconceitos enraizados na sociedade. O poder e a sexualidade feminina caminham juntos. Sempre existe uma desculpa para desqualificar a mulher que tem mais ligação com sua sexualidade do que com sua maneira de exercer o poder.

Um exemplo foi Margareth Thatcher, famosa dama de ferro – como não era esperado das mulheres este tipo de personalidade forte, então, questionavam sua própria feminilidade. Muitas vezes na imprensa somos o anedótico.

3. *Quais são as características das pautas?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Há áreas que as mulheres simplesmente não aparecem: política, tecnologia, esportes, entre outras. Não há espaço nem na escolha das pautas. Basta pensar quantas mulheres receberam o Prêmio Nobel. Se não nos procuram como especialistas nos buscam como o que?

Estamos nos temas apenas da vida privada. Sim, existem iniciativas de ação afirmativa em gênero que talvez atinjam o modelo jornalístico. Porém, todo o modelo de autoridade científica é androcêntrico, por isso, as fontes boas são as masculinas.

4. *Você acredita que seja trabalhada a igualdade de gênero nas formas?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Não. A linguagem e as imagens são sexistas e, infelizmente, as mulheres estão ligadas aos assuntos da mídia considerados menos importantes, os textos femininos normalmente não abordam temas públicos. Na minha visão, os homens podem se encarregar do espaço público porque o privado está coberto.

A sustentação da vida está coberta. Se tivéssemos que pagar pelo trabalho doméstico não existiria dinheiro suficiente. Não há jornadas, não há horas, são 24 horas ao dia. Não termina e é impagável – e isto não está valorizado ou quantificado. É casualidade ou curiosidade que são as mulheres dedicadas a este tipo de trabalho? Nosso trabalho é invisível e todo o feminino está desvalorizado. Estamos responsáveis pelo sustento da vida e não há para isso reconhecimento econômico.

5. *De que forma a igualdade é trabalhada no jornalismo?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Os meios perpetuam estas desigualdades. Atualmente, alguns meios lutam por uma aparência moderna, mas o seu conteúdo continua sendo algo que é extremamente antigo. Vivemos o *especismo da igualdade*, divulgamos a imagem da mulher liberada e autônoma, mas a realidade é distinta.

Há uma involução ou evolução apenas nas formas do que seja a liberdade e equidade de gênero. Igualdade formal e jurídica, mas não representativa na sociedade. Os direitos são adquiridos e perdidos facilmente, vemos isso com o direito ao aborto, direito a eleger o sobrenome, entre outros. Pode-se mudar o governo e tudo recomeçar.

6. *Diante da cobertura jornalística, quais são as mulheres que são fontes?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Em minha opinião as mulheres são mais retratadas quando o assunto é violência de gênero. Há lugares do mundo que nem com isso somos notícia. Às vezes morrem milhares de mulheres e não somos notícias. Nos jornais não

estamos como fontes, mas nos temas ligados ao coração somos manchete. Escândalos sexuais, infidelidades, luxo são assuntos direcionados à mulher.

7. *Qual a principal mensagem passada pelo jornalismo sobre as questões gênero?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: No momento histórico estamos vendo um neoconservadorismo, no qual a heteronormatividade também é muito difícil de alcançar. O que sai do caminho de ser um homem ou uma mulher é comumente ridicularizado. Os estereótipos se mantêm, regeneram se transformam para uma nova roupagem, porém, com a mesma velha ideia. Existem alguns veículos distintos que falam sobre micromachismos e que são mais sensíveis às questões de gênero, normalmente encontrados na mídia alternativa e independente.

8. *De que forma as mulheres conquistam credibilidade para se tornarem fontes?*

ASUNCIÓN ARAGÓN VARO: Primeiro temos que nos visibilizarmos. Mesmo me considerando uma boa fonte, para que eu seja entrevistada não depende somente de mim, mas depende que você, jornalista, me considere uma boa fonte. Os meios de comunicação não pensam que as mulheres são boas fontes. Se você não me considera uma boa fonte é pela sua cultura sexista e para mudar esta situação necessitamos de um novo processo educativo nas universidades e cursos sobre os meios de comunicação.

Referênciasⁱⁱ

- **Artigos em revistas**

VARO, Asución Aragón. This is a man's world: drag kings and the female embodiment of masculinity. Revista alicantina de estudios ingleses: **RAEI**, n. 26, 2013 (Ejemplar dedicado a: Identity, Culture and Performance Studies / Silvia Caporale Bizzini (ed. lit.), Lucia Esposito (ed. lit.), Alejandra Ruggiero (ed. lit.), p. 129-141

_____. La autobiografía: ¿ficción de la memoria? **Cuadernos de Ilustración y Romanticismo**: Revista del Grupo de Estudios del siglo XVIII, n. 7, p. 133-138, 1999.

- **Colaborações em obras coletivas**

VARO, Asunción Aragón. **El análisis de la literatura a través de la crítica literaria feminista**. La ausencia de las mujeres en los contenidos escolares / coord. por Carmen Rodríguez Martínez, 2004, p. 87-99

_____. **Mujer y literatura en el siglo XVIII**. Historia crítica de la novela inglesa escrita por mujeres / coord. por Silvia Caporale Bizzini, Asunción Aragón Varo, 2003, p. 23-44

_____. **Mujer y transgresión moral**: Inglaterra 1750-1800. De la Ilustración al romanticismo 1750-1850: VI encuentro "Juego, fiesta y transgresión" (Cádiz 16, 17 y 18 de octubre de 1991) / coord. por Alberto Romero Ferrer, 1995, p. 415-422

- **Livros**

VARO, Asunción Aragón. **El problema de la identidad en las novelas de Frances Burney**. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, D.L. 1998.

ⁱ Entrevista realizada no ano de 2016, durante estágio acadêmico e docente, na cidade de Cádiz, sul da Espanha. Oportunidade oferecida pelo programa de bolsa *Santander Universidade Para Jovens Professores e Pesquisadores*.

ⁱⁱ Dados extraídos do website dialnet – hemeroteca de artigos científicos espanhóis na Internet e vinculado à *Universidad de La Rioja*. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es>> Acessado em 07.05.2017.